



Veículo: Diário do Pará		
Data: 19/02/2017	Caderno: Você	Página: 14
Assunto: Patrimônio		
Tipo: Notícia	Ação: Espontânea	Classificação: Positiva

Os restauradores do patrimônio

Apesar de parte dos casarões históricos da capital estarem abandonados, existem pessoas e empresas que decidiram investir recursos na restauração desse patrimônio, que mistura beleza e peculiaridades

RESTAURAÇÃO

Cintia magno

cintia.magno@diariodopa-
ra.com.br

Mesmo em meio a um acelerado processo de urbanização de Belém, ainda é possível perceber a presença de casarões e prédios antigos com sinais de resistência da história. Dentro desses locais, os guardiões do patrimônio são pessoas comuns e empresas, que decidiram assumir o desafio de preservar parte da memória contada pela arquitetura em Belém.

De frente para as portas abertas da Igreja do Rosário, o casarão localizado na esquina das ruas Padre Prudêncio e Aristides Lobo prende o olhar de quem passa. Colorida por um amarelo vivo e pelo azul das portas e janelas, o que a fachada guarda, mais do que os pertences de seu morador, é uma boa história de recuperação do patrimônio. “Na época em que a casa entrou a venda estava bastante detonada. Antes funcionava uma pensão aqui”, conta o pesquisador na área florestal Milton Kanashiro, 62 anos, proprietário do imóvel.

Foi necessário 1 ano de reflexão para que Milton decidisse pela compra. “Se eu usasse o dinheiro para comprar a casa, eu não teria para reformar”, lembra, ao explicar que, por fim, uma negociação envolvendo outro imóvel possibilitou celebração do negócio.

Um trabalho intenso de ‘lapidação’ proporcionou que parte das linhas originais da arquitetura do imóvel fosse recuperada. Milton faz questão de destacar o trabalho de profissionais, como o artista plástico Osvaldo Gaia, o arquiteto Marcos Nascimento e o engenheiro Marcelo Aranha. “Em meados de 2006 eu ainda andava meio desesperado sem saber o que fazer. Somente outro louco compraria uma casa naquelas condições”, relembra Milton, sorrindo.

SÉCULO 19

A resistência também tem acompanhado a atuação da Associação Fotoativa, instalada em um casarão de 2 pavimentos localizado na Praça das Mercês. Construído no período de transição entre os séculos 19 e 20, o sobrado abriga a sede da associação desde 2005, quando foi cedido em contrato de comodato pela Prefeitura Municipi-

pal de Belém. A luta para concluir a restauração permanece até hoje. “Quando chegamos estava bastante degradado e em risco de desabamento. Foi a partir daí que se iniciou o trabalho de escoramento”, lembra o diretor administrativo da Fotoativa, Miguel Chikaoka.

A partir das ações emergenciais empreendidas, inicialmente com recursos da própria entidade, o casarão foi se mantendo em pé. No ano de 2008, a sede pôde ter a fachada completamente restaurada. Uma parceria entre o Escritório Modelo de Arquitetura da Universidade Federal do Pará (UFPA) e a Petrobrás possibilitou a elaboração de um projeto de restauro do casarão, mas a verba alocada para a implementação veio apenas em 2011.

A previsão inicial de entrega da obra era em 2012, porém, em meio a atrasos no tratamento de processos, a empresa que vinha executando o restauro decidiu abandonar a obra. Desde então, a associação vem reagindo como pode para continuar a recuperação do sobrado sem deixar de manter suas atividades. “De um ponto de vista pessoal, a preservação do patrimônio é um compromisso de todos”, acredita Chikaoka.

Prédios abrigam hotéis e restaurantes

Durante os cerca de 10 anos em que esteve em revitalização, o casarão instalado na rua Dr. Assis, no bairro da Cidade Velha, também recebeu cuidado especial. Erguido ainda em 1790 pelos Frades Franciscanos para servir de apoio para as missões realizadas no Marajó, o imóvel é administrado hoje pelo Hotel Atrium – Quinta das Pedras. Valorizadas desde a recepção, as paredes internas do hotel parecem um convite à história do período colonial, quando se utilizava óleo de baleia para a construção da parede de taipa. Em um corredor que dá acesso à suite

presidencial, os hóspedes ainda podem contemplar uma pintura de Jesus Cristo Crucificado que foi encontrada por acaso pelos operários durante a restauração dos muros de pedra. A relação direta com artigos religiosos explica a própria história do prédio de propriedade da Diocese de Ponta de Pedras, município marajoara. Antes do contrato que possibilitou a utilização do espaço pelo grupo hoteleiro, o local abrigou uma escola. “Antigamente era o colégio Instituto Padre Guido Del Toro. Mas também funcionou como albergue para padres”,

conta a gerente geral do hotel, Juliana Cunha. O cuidado com a preservação também é a realidade do casarão erguido ainda no ano de 1800 e que até hoje permanece ativo na rua Dr. Malcher, no bairro da Cidade Velha. A casa, cuja fachada é encoberta por azulejos portugueses, abriga hoje a hospedaria e restaurante ‘A Côte’. As paredes do prédio exigem nova impermeabilização a cada ano. “Até hoje, as paredes liberam um pouco de sal, o que pode ser visto no período mais quente, quando aumenta a temperatura”, explica o funcionário do local, José Castro, 23 anos.



EM IMAGENS

- 1 Milton Kanashiro, na sala do casarão que restorou e mora hoje ALBERTO BITAR
- 2 Miguel Chikaoka, na sede da Fotoativa OCTÁVIO CARDOSO
- 3 A fachada do restaurante A Côte é coberta de azulejos portugueses ALBERTO BITAR
- 4 O Hotel Quinta das Pedras se destaca pela beleza da sua arquitetura ALBERTO BITAR